

A CRÔNICA de Rubem Braga

26/9/59

CALDER

PARA quem vem da Bienal de S. Paulo as abstrações de Bloch e as gravuras dos nacionais não têm novidade nenhuma, mas esses *móviles* de Calder que estão esvoaçando no Museu de Arte Moderna do Rio são sempre uma alegria nova.

Há uns imensos que foram deixados ao ar livre e chacoalham ao vento do mar; outros pequenos, em côres, lindos.

Gostei mais de um que terá seu metro de largura e é todo preto, semelhante folhas, está pôsto junto de uma parede branca. Ter um brinquedo assim é como ter dentro de casa uma árvore que gira sobre si mesma e cada vez parece mais bela; uma árvore que fôsse viva como um pássaro. Sim, essas coisas de Calder parecem pássaros, quem sabe são capazes de comer alpiste, talvez num sábado de tarde, se a amada de olhos de luz nos visitar, quem sabe, cantem — acredito que possam cantar como estranhos canários.

Também falei em brinquedos, e mantenho: Calder faz brinquedos que produzem alegria. Isso não quer dizer que não sejam coisas sérias; são coisas sérias, e, se vocês quiserem chamar de escultura, chamem; hoje em dia qualquer folha entortada de lata é escultura, que dirá Calder.

Ah, esses silenciosos instrumentos de música de Alexander Ragtime Band Calder, que destilam a melodia dos espaços, cheios de graça e de uma preguiçosa poesia...